

Economia

Economia - Brasil

Copom eleva juros para 19% ao ano

Decisão fica abaixo das expectativas do mercado. BC argumenta que a nova taxa visa a garantir meta de inflação de 6%

BRASÍLIA, RIO E SÃO PAULO – O Comitê de Política Monetária (Copom) decidiu, ontem, aumentar a taxa básica de juros, Selic, em 0,75 ponto percentual, elevando-a de 18,25% para 19% ao ano. Este foi o quinto aumento dos juros pelo Banco Central neste ano. E, mais uma vez, a instituição alegou preocupação com a inflação para aumentar os juros. De acordo com o comunicado do BC, a elevação da taxa é para evitar o reajuste de preços e assegurar a meta de inflação de 6%. Com o novo aumento, os juros básicos voltaram ao mesmo patamar do final de 1999 e início de 2000.

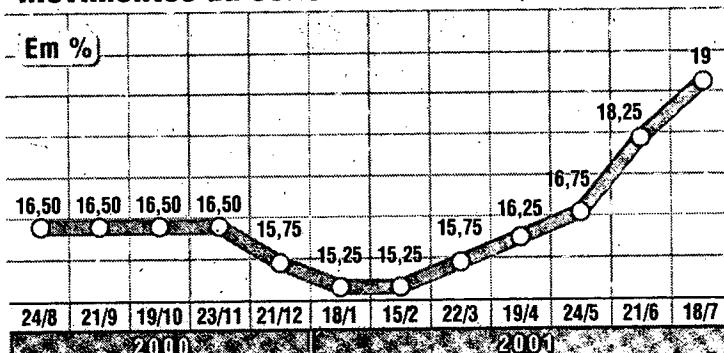
O aumento de 0,75 ponto percentual ficou abaixo das expectativas do mercado, que trabalhou com a projeção de uma elevação entre 1 e 1,5 ponto percentual. O empresário Arthur Sendas reprovou a decisão do BC. "Isso só vai piorar o quadro econômico".

A favor – Já o economista Luís Carlos Ewald defende a alta, mas discorda do Copom no percentual de aumento. "Na crise de 1997, a Selic subiu de 19% para 45% e em menos de um mês voltou a cair", lembrou.

Para o economista Luiz Roberto Cunha, especialista em inflação, o aumento não surpreendeu. "Podia até ter sido menor. Havia analistas com uma visão muito pessimista", diz.

Meta – O ex-ministro do Planejamento é especialista em contas públicas, Raul Velloso, lembra que o controle da inflação via câmbio tem um custo muito alto. O ex-diretor de Política Econômica do BC Sérgio

Movimentos da Selic nos últimos 12 meses



Werlang acredita que, com a medida, há uma propensão maior de a meta inflacionária de 6% ser cumprida este ano. Além disso, segundo o economista, no ano que vem há uma grande chance de as taxas ficarem abaixo dos 3% previstos.

Para o presidente da Associação Comercial de São Paulo, Alencar Burti, qualquer alta na taxa básica de juros (Selic) é extremamente negativa e tem impacto na economia brasileira. "Mais uma alta não ajuda em nada. Ela será dolorosa para todo o país e fará com que as dívidas, em todos os setores, cresçam de forma assustadora", disse.

Vendas – Segundo ele, a inadimplência no comércio hoje está em um nível indesejável e a elevação da taxa Selic tem um impacto negativo, que pode atingir o emprego e a renda da população. "Mas o brasileiro é um povo que reage rápido". Apesar do cenário negativo, Burti acredita que é possível que o Produto Interno Bruto (PIB) feche o ano com resultado positivo. "A inflação, no entanto, deverá fechar acima da meta

de 4% - como o próprio governo reconhece -, ficando em 7%".

O presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, Abram Szajman, avalia que a situação do país já está ruim e um aumento da taxa Selic só vai piorar o cenário. Ele citou como exemplos que contribuem para a retração da atividade econômica a queda no poder de compra da população, as incertezas no campo político, os aumentos de tarifas públicas - como pedágio e energia elétrica -, além da iminência de um apagão. "Isso tudo, este clima negativo, está provocando queda nas vendas no comércio, queda na produção e aumento do desemprego", acredita. Segundo ele, nos meses de maio e junho as vendas na região metropolitana registraram em média uma queda de 6% em relação aos mesmos meses do ano passado.

Para a economista da Banif Primus Asset Management, Luciana Senna, a decisão do BC não surpreendeu. Ela apostava, em no máximo, um ponto percentual a mais na Selic. "Um choque, só se houver uma ruptura na Argentina".

Opiniões

"Poderemos ter uma recessão no segundo semestre, em comparação com o mesmo período de 2000"

Sérgio Werlang
Ex-diretor de Política Econômica do BC

"Foi muito pouco. Deveriam ter elevado a taxa a mais de 30%, para acabar com a especulação e colocar todo mundo vendendo dólares"

Luís Carlos Ewald
Economista e professor da PUC/RJ

"Essa perseguição à meta de inflação é exagerada. As autoridades brasileiras só atendem às exigências do FMI"

Abram Szajman
Presidente da Federação do Comércio/SP

"O aumento poderia ter sido menor. Por ora, não muda nada. A inflação deve ficar próxima dos 6%"

Luiz Roberto Cunha
Diretor do Instituto Fecomércio/RJ